

ENTREVISTA PARA O SITE DA FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO COM LUIZA FEDRIZZI.

20 DE SETEMBRO DE 2010

1. Esta exposição é resultado de uma seleção feita pelo CIFO para bolsas e obras comissionadas, certo? Como foi tua participação neste processo?

Tudo iniciou com um telefonema de Moacir dos Anjos, no final do ano de 2008, quando eu já estava às vésperas de uma viagem para Paris, onde eu passaria um ano para realizar o meu Pós-doutorado. Nesta ocasião, perguntou-me sobre a minha disponibilidade em enviar um projeto de trabalho para CIFO, a partir de sua indicação. Moacir dos Anjos integra, desde 2006, o "advisory committee" da Cisneros Fontanals Art Foundation, uma instituição com sede em Miami que apóia artistas latino-americanos por meio de vários programas, além de se responsabilizar pela conservação e divulgação da Coleção Ella Cisneros. Soube, através dos formulários recebidos na ocasião, que o meu projeto deveria ser inédito, e que eu estaria concorrendo com outros inúmeros artistas latino-americanos indicados pelos integrantes do Comitê.

Fiquei bastante entusiasmada com a ideia de criar um projeto inédito. Moacir dos Anjos conhece bastante o meu processo de trabalho e a forma como venho relacionando arte e literatura nestes últimos anos. Ele teve a oportunidade em acompanhar a concepção da instalação A VIDA SOMENTE NO PÁTIO que inaugurou o MAMAM no PÁTIO em 2006, espaço de arte contemporânea anexo ao Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, quando ele ainda era o diretor desta instituição. Desta vez, bastou uma pergunta sua ao telefone "Você está com algum projeto na agulha?" para que eu já me sentisse provocada e em pleno trabalho de costura, reunindo algumas idéias esparsas para dar lugar a DUBLING. É muito estimulante para um artista receber uma indicação como esta. Minha participação foi a de enviar o projeto no prazo estabelecido e esperar o resultado da seleção, que chegou efetivamente dia 3 de fevereiro deste ano, um dia após o meu retorno ao Brasil.

2. Esta era uma obra que já tinha em processo antes mesmo de ter esta exposição ou foi a partir dela que surgiu a ideia para o trabalho?

Essa idéia nasceu em silêncio, durante uma caminhada na cidade de Dublin, quando resolvi visitar o James Joyce Center, antes de partir para Limerick, onde eu participava de um Congresso em julho de 2008. Sempre quis ler *Ulisses*. Já havia comprado o livro com a tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro (RJ, Objetiva, 2005).mas nunca passava das dez primeiras páginas em minhas tentativas de imersão nesta literatura alucinante. Sem atravessar os primeiros capítulos, saltava diretamente para o terceiro, onde encontramos o parágrafo trabalhado por Didi-Huberman em seu ensaio *O que vemos, o que nos olha*, quando a inelutável modalidade do visível é evocada. Como reagir a uma proposição que, em sua última frase, nos orienta: "Feche os olhos e veja."? Talvez DUBLING tenha sido a minha maneira de fechar os olhos por um período de dois anos, para passar pela experiência do inelutável e pela busca de uma modalidade através da qual eu pudesse recriar o jogo entre o ver e o ler.

Pois bem, nem sempre sabemos o rumo que pode tomar uma idéia. Naquele dia 1º de julho de 2008, me inscrevi no grupo que iria realizar uma visita guiada pelas ruas de Dublin por onde James Joyce caminhava, pontuando endereços e marcos urbanos essenciais para a construção de seu romance. Nosso guia nos fazia parar em determinadas esquinas, pontes ou portas, onde ele lia passagens do livro referentes aos pontos indicados. Eu, com pouco domínio em relação ao idioma, acrescentei o visual ao textual, prestando muita atenção à forma como era realizada a leitura e nos elementos que faziam parte do entorno. Meu pensamento, acelerado foi criando um ritmo onde as ações tornavam-se evidentes: ele está lendo, nós estamos caminhando, o carro está passando, agora está chovendo... Enfim, a vida está acontecendo. O tempo verbal do gerúndio fazia-se presente a cada instante, e eis que o próprio nome da cidade surgiu como título do trabalho, assumindo a letra G no final, sem que fosse alterada a sonoridade da palavra. Este foi o marco inaugural de um trabalho que ainda

nem sequer tinha sido pensado. Entre Dublin e Dubling, configurou-se a possibilidade de assumir um projeto que, antes de ser meu, era do próprio Joyce, quando ele diz: “*Como quer que seja, você está andando através disso. Eu estou, um passo largo de cada vez, um muito curto espaço de tempo, através muitos curtos tempos de espaço.*”. Dublin foi a cidade cenário de *Ulisses*, enquanto para mim ela foi se tornando o lugar onde tempo e espaço se dobravam à força da língua, em duplo idioma, ou se quisermos, em uma *dublíngua*, termo presente em *Finnegans Wake*, outro romance de Joyce, este traduzido por Donaldo Schüller, que também nos brindou com a tradução da Odisseia de Homero. Odisseia é uma palavra-chave, sendo leitura essencial para quem deseja ingressar na famosa jornada do dia 16 de junho de 1904, vivida por Leopold Bloom, protagonista principal de tantos acontecimentos de *Ulisses*.

Naquele dia, e no próprio centro cultural, comprei o livro em seu idioma original, na mesma edição lida pelo nosso guia de percurso, e me propus a ler *Ulisses* em inglês, sublinhando os verbos no gerúndio, ou seja, definidos pelo sufixo ING.

Este breve relato me ajuda a responder a tua questão: iniciada a leitura do livro, a obra já estava em processo, mas ainda em estado de esboço, seguindo um rumo incerto. Ao receber a indicação e comprometer-me com o envio do projeto, o trabalho ganhou um delineamento mais preciso. Foi criado um método para a leitura, tendo sido eleitos os materiais constituintes do trabalho: garrafas, rolhas e cartões-postais, todos eles em mesmo número de verbos no gerúndio, em sua contabilidade final. Somente em julho de 2009 foi estabelecido que este número seria 4311.

3. Desde o encerramento das atividades do Torreão, ficaste sem um espaço próprio de ateliê? Se sim, como foi passar desta “ausência” para um ateliê “transitório”, digamos assim, como foi no período de montagem da exposição?

Vejam, o encerramento das atividades do Torreão coincidiu com o período em que eu estava fora da cidade, isto é, ausente. Ali já havia se configurado um espaço de transitoriedade que até hoje perdura. Voltei para Porto Alegre para estar presente na abertura da última intervenção, realizada por Martin Streibel, momento em que também já organizei as coisas, junto com Jailton Moreira, para a entrega posterior do imóvel. Mas o projeto do Torreão sempre foi muito mais amplo do que somente um atelier. Atelier a gente inventa onde quer que se esteja! Em Paris, por exemplo, a sala do apartamento foi meu atelier, bem como o Jardim de Luxemburgo ou muitos dos cafés do bairro onde morávamos, eu e minha família. Para dar um exemplo pertinente ao trabalho em questão, eu li todo o livro *Ulisses* somente em cafés, sendo que colecionei os recibos onde estão impressos o nome de cada um deles (com a proposta de nunca repetir o mesmo local), seu endereço, a data e o horário de permanência, os itens e o valor do consumo. Uma espécie de diário de leitura, com a respectiva lista de verbos no gerúndio sublinhados a cada ocasião. Sim, estes foram os primeiros ateliês para a construção de DUBLING.

É evidente que, ao retornar à Porto Alegre, não tendo mais o Torreão, precisei buscar um espaço onde eu pudesse organizar o meu material e trabalhos anteriores. Então, tive que alugar outro apartamento e assumi-lo como atelier provisório. Tendo o livro e a lista de verbos estabelecida, todo o restante do trabalho foi realizado neste espaço, mas nunca cheguei a uma montagem final. Esta é uma constante em minhas proposições. Elas dependem do acordo entre os materiais e o espaço expositivo. Jailton sempre diz que o meu trabalho “se acomoda” quando vou depositando, um a um, os elementos no local. Uma espécie de pouso, materializando a idéia. Além do mais, decidi comprar as garrafas em Miami mesmo, evitando o transporte de carga tão pesada e frágil. As rolhas viajaram muitos quilômetros para encontrar com as garrafas!

4. Como foi, na prática, a montagem deste trabalho? O material (garrafas, rolhas, postais) foi produzido aqui e transportado até lá ou não

Grande parte do material foi produzido aqui. Somente as garrafas foram compradas em Miami, e a mesa foi construída por eles, a partir de um desenho elaborado por Daniela Tessler, seguindo as minhas especificações de medidas e cor da madeira.

Como eu disse anteriormente, não houve uma montagem prévia, e contei com o risco de ter que resolver problemas estruturais no próprio momento da montagem da exposição na CIFO. Fui seguindo a dinâmica da concepção de cada elemento, dedicando-me a providenciar a compra das rolhas e a respectiva impressão das palavras em cada uma delas, bem como a criação dos cartões postais. Esta etapa envolveu um retorno à cidade de Dublin, em maio deste ano, para fins de registro das imagens a serem impressas nos cartões, ou seja, somente fotografias do Rio Liffey, rio que corta Dublin e atravessa todo o romance de Joyce. São 4311 cartões-postais únicos, e cada um deles apresenta uma diferente imagem-fragmento do rio.

Sobre a questão dos materiais, creio ter escolhido aqueles que me foram sugeridos pelo próprio romance. Há uma frase essencial, situada na página 619 da edição da *Penguin Modern Classics*. Trata-se de um diálogo no mais alucinante dos capítulos, ao meu entender, quando Leopold Bloom encontra-se com amigos em um bordel. Eis a sua exclamação: “*Man and woman, Love, what is this? A cork and a bottle.*” Neste momento, me dei conta que, na vida, tudo é uma questão de encaixe, e eis o que traz a presença de tantas rolhas, garrafas e palavras neste trabalho. Confesso que foi um desafio conciliar estes elementos e não tive nenhuma garantia do encaixe perfeito até chegar a Miami. Deixei para resolver todos os problemas técnicos que porventura viessem a aparecer no momento da montagem final do trabalho. Desta forma, mantive o frescor e o desafio do embate com o espaço da instalação.

Também é preciso lembrar que o cartão-postal é um elemento constante na narrativa joyceana. Exemplos como: “*Eu recebi um cartão de Bennon. Diz que ele conheceu uma coisinha jovem e encantadora lá*” ou “*Recebiam sacos lançados ruidosamente, de cartas, cartões-postais, pacotes, registrados e pagos para entrega local, na província, na Inglaterra e além-mar*” ou ainda “*Seu cartão-postal mostrou ser um centro de atração para os simplórios senhores por vários minutos se não mais*” Refleti muito acerca do fato de poder estar, de certa forma, estagnando um movimento de fluxo inerente a *Ulisses* ao reunir cartões-postais, rolhas e garrafas em uma instalação em tempo e espaço definido pela CIFO. O mais agravante era ainda a idéia do cartão postal ser único, sendo que o conjunto foi colocado em um dispositivo construído especialmente para ser uma espécie de fichário de madeira, evocando a idéia de arquivo ou coleção, para justamente passar a fazer parte do acervo de CIFO. Mas seria um risco, justamente, interromper o fluxo da linguagem, tanto literária como da própria arte, ao encerrar o trabalho por aqui. Sentia a necessidade de incluir o elemento água, mas não sabia de que maneira fazê-lo. Sabe-se que o cartão-postal é um pequeno território de papel capaz de percorrer territórios mais amplos, concentrando a experiência da viagem e o espírito provisório daquilo que é nele relatado pela escrita e pela imagem simultaneamente. Achei fascinante esta ideia e propus a reprodução de múltiplos exemplares de um livreto de cartões-postais, idênticos aos vendidos em importantes pontos turísticos, para colocar à venda na loja da CIFO. Desta forma, estes cartões-postais podem ser comprados e utilizados normalmente, refazendo a circularidade do trabalho. Os livretos são compostos por dezoito cartões-postais especialmente escolhidos correspondendo aos dezoito capítulos do romance. Cada imagem de água está acompanhada pelo último gerúndio de cada capítulo. No livreto aparece ainda uma imagem de meu livro aberto, reproduzindo duas páginas com gerúndios assinalados por mim. Não há um texto descritivo acerca do trabalho, apenas o que está escrito no verso de todos os cartões-postais:

Installation created from 4311 gerund words from the novel *Ulysses* by James Joyce, with 4311 postcards featuring images from the River Liffey (Dublin, Ireland), 4311 corks with printed verbs and 4311 glass bottles. Variable dimensions.

Falando em fluxos, gostaria de comentar alguns acréscimos ao projeto, após sua seleção e aprovação pela CIFO. Em meio à elaboração do trabalho, surgiu o convite para participar das

comemorações do *Bloomsday* deste ano, no Studio Clio em Porto Alegre. Para tanto, convidei uma aluna do Instituto de Artes da UFRGS, a artista Leticia Bertagna, para realizar um vídeo junto comigo, reunindo as imagens dos cartões-postais e a voz de Donald Schüler, que se dispôs a ler em voz alta a lista completa dos verbos, na ordem de seu aparecimento no romance. Este trabalho, associado à DUBLING, recebeu o título de LIFFEYING, com apresentação única no dia 16 de junho, durante o evento. Pois foi somente em Miami, em intervalo de montagem, que resolvi apresentá-lo às responsáveis pela exposição IN TRANSITION. Ali, na proximidade com o mar de garrafas, LIFFEYING ganhou outro sentido, e imediatamente foi incorporado à instalação, sendo apresentado em um mini-DVD player, com tela de 10 x 15 cm, exatamente na dimensão de um cartão-postal. Este foi um acréscimo importante durante a montagem do trabalho. Na abertura da exposição, pude constatar o envolvimento do público entre os objetos e as palavras, entre a palavra escrita e a imagem, entre a escuta e a palavra lida.

5. Tu chegas a considerar trabalhos como *Dubling* como sendo site-specific?

Dubling é uma instalação que assume o seu estado “gerúndico”, e depois deste trabalho ter sido apresentado pela primeira vez na CIFO, absorvendo alguns elementos da arquitetura do local (um ângulo de parede, por exemplo, ou a simetria de duas colunas que cruzam o caráter horizontal do trabalho), ele poderá apresentar-se em distintas configurações, dependendo dos outros locais de exposição. Desta forma, não podemos considerá-lo como site-specific. Não foi criado para ser visto em apenas um lugar. Este trabalho passa a fazer parte da Coleção CIFO e possivelmente será remontado em uma exposição em Washington em 2011. Eu também estou bastante curiosa para saber como será o seu novo formato. Sua disposição no espaço pode variar, mas não os seus elementos: uma mesa, uma caixa-fichário, 4311 cartões-postais, 4311 garrafas transparentes com as rolhas onde os verbos estão impressos e um mini-DVD player, com o vídeo *Liffeying*.